

Recordando o passado

## Prof. Chryso Fontes

### Exodontia e anestesia geral- Contribuição inédita do ano de 1849



**A** anestesia geral, descoberta pelo CD Horace Wells, em 1844, usando o protóxido de azoto ou gás hilariante, permaneceu até 1846 em estudos preliminares até que Morton também dentista iniciou a aplicação do éter com aquela finalidade, obtendo sucessos repetidos. Um ano mais tarde, fins de 1847, surge o clorofórmio nos seus primeiros ensaios, para ser aceito como nova capaz de atender os reclamos da maravilhosa narcose já então em grande evidência nos meios cirúrgicos daquela época. Estava coroado de êxito o domínio absoluto sobre a dor. Extraordinário foi o progresso que se alcançou depois da descoberta de Horace Wells, cujo destino, como muitas vezes acontece aos pioneiros, foi dos mais dramáticos, terminando pelo suicídio ante os insucessos iniciais.



As primeiras notícias entre nós acerca da aplicação da narcose, datam de 2 de fevereiro de 1847, enviadas da França pelo Dr. Manoel José Barbosa em circunstanciado relatório ao *Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo*.

O Dr. Johnn Ware, medico em Boston, dirige ao Dr. John Forbes, editor da Revista Médica Inglesa e Estrangeira, carta datada de 29 de novembro de 1846, onde tece comentários sobre a nova descoberta atribuída a Morton e Jackson, afirmando serem os dentistas os maiores propagadores e defensores do método. Malgaigne, em sessão da Academia de Medicina da Paris em 12 de janeiro de 1847, relata vários casos, uns com sucessos e outros não. Usava dois tubos na aplicação do éter: por um inspirava pelo nariz e outro permitia expirar pela boca. Velpeau, Guibourt, Chevalier, Roux, Gerdy, Jobert e outros foram os cirurgiões que utilizaram o método naquela época.

Em 20 de maio de 1847, entre nós, Haddock Lobo opera o aluno de medicina Francisco Assis Paes Leme, de fístula cutânea de origem dentária. Depois de tecer várias considerações diz ter-se resolvido o que desde Galeno se esperava: “que a cura em cirurgia deve ser feita sem dor”. Curiosa é a polêmica travada em termos elevados entre o Dr. Manoel Feliciano de Carvalho e o Dr. Domingos marinho de Azevedo Americano. Interessante é o relato do Dr. Marinho de Azevedo que opera em companhia do Dr. Leslie (feliz possuidor da máquina de eterização) e do Dr. Curtis chegado da Europa com bastante prática. Mais adiante cita a primeira pessoa que sofreu a inalação de éter, sodado de sua enfermaria que não teve anestesia completa por fazer uso habitual do álcool. A segunda experiência é na pessoa de um soldado da enfermaria Torre Homem, a quem se tinha de extrair um dente canino. Em onze minutos ficou completamente anestesiado. A extração foi completada pelo Dr. Curtiss, pois refere que o cirurgião barbeiro não

conseguiu extrair o dente. O doente despertou sem nada ter sentido. Relata outrossim outras experiências com estudantes de medicina na presença de vários colegas. Manoel Feliciano contesta o entusiasmo de Marinho, em que pese a sua autoridade, condenando o uso da chave de Garengot, ainda usada nos meados de século XIX.

Em fevereiro de 1848 fazem-se as primeiras experiências com o clorofórmio. Manoel Feliciano, relatando dois casos, é o pioneiro na aplicação da nova droga. Como sempre sucede quando aparece uma novidade no arsenal terapêutico, surgem paralelamente discussões e polêmicas nas sociedades e jornais leigos. Tal aconteceu não só com o éter como com o clorofórmio

Este pequeno esboço histórico fi-lo com o intuito de realçar o interessante caso de narcose pelo clorofórmio realizado no dia 4 de junho de 1849 para a extração de dois dentes. O valor histórico da observação que passo a relatar é realmente incontestável, pois representa o depoimento escrito pelo próprio punho do paciente.



Graças à gentileza e espírito de curiosidade científica da Sra. Cecilia Prates, culta e ilustre dama de nossa sociedade, tenho em mãos a preciosa oferta de pequeno livro (diário) pertencente a seu avô, o nobre e eminente varão **Militão Maximo de Souza Junior**, filho do Visconde de Andaray e mais tarde Barão de Andaray, pelos serviços inestimáveis prestado a S; Majestade O Imperador Pedro II. O pequeno diário do jovem estudante de pintura, quando em Londres, e que na vida pública desempenhou entre altos cargos o de Presidente do Banco do Brasil por várias vezes, foi escrito em linguagem simples e afetiva para o seu augusto progenitor, com bem diz no introito ao oferta-lo no cumprimento da promessa feita. É curioso notar-se a ortografia da época e de seu próprio punho quando em 18 de maio de 1849 já refere grandes dores de entes.

Em 4 de junho de 1849 diz textualmente::

“ Levantei-me como sempre com dor de dentes. Fui esta manhã a um dentista com a filha da Senhora Scurr e contra as ordens do Sr. Eduardo tomei clorofórmio, assim “ riscando” minha vida, porém graças a Deus nada me aconteceu e tive dois dentes tirados. Passei a tarde com a cabeça mui pesada e dormi muitas horas pelo efeito do clorofórmio. Apanhei constipação de tarde.”

5 de junho: Levantei-me esta manhã um pouco melhor por conta de duas “pirulas” que tomei ontem. Tomei esta manhã uma dose de sal, passei a manhã a escrever. Passei a tarde com o Sr. Eduardo em West Derby. Voltei as 7 horas da noite para a casa da Sra. Scurr com grande tosse.”

Pelo exposto podemos tirar inúmeros ensinamentos destas linhas que na simplicidade do relato faz-nos acreditar ter sido o ilustre brasileiro pessoa de grande personalidade e porque não dizer de admirável coragem quando mesmo contra a vontade do tal de Sr. Eduardo( provavelmente procurador do Visconde e a quem o jovem estudante deveria prestar contas de todos os seus atos), submete-se a tão séria intervenção. Bem podemos aceitar que a decisão tomada foi, diante das fortíssimas dores de dentes e que só com o recurso da nova droga já em uso há um ano aproximadamente poderia dar coragem mesmo “riscando” a vida como bem diz em seu

diário. Realmente teremos que concordar que as primeiras narcoses em época tão distante tinham que por em risco a vida dos pacientes. A impureza da droga , os meios de administrá-la e o desconhecimento de sua fisiopatologia bastariam para justificar aquele juízo. É realmente curioso quando relata dizendo ter passado bem, apesar de ter sentido a cabeça mui pesada, o que configura o pós-operatório traduzido por intoxicação determinada por impurezas certamente existentes ainda no medicamento. Apesar de tudo, conclui-se que pelo relato feito no dia seguinte recuperou-se magnificamente, pois à tarde saía a passeio mesmo tendo tomado a dose de sal como terapêutica para a constipação citada.

Continuando a leitura deste precioso diário verifiquei que o resto da temporada do ilustre Varão não mais menciona qualquer incômodo para os dentes.

Finalizando quero deixar os meus agradecimentos ao prezado colega Prof. Aquiles de Araujo que me proporcionou algumas notícias históricas sobre a narcose, permitindo que pudesse compulsar os Anais de Medicina Brasiliensis, órgão oficial da Academia Imperial de Medicina, onde pude colher os preciosos dados que vêm provar que em época tão distante os nossos grandes médicos e cirurgiões, a despeito das dificuldades de transporte acompanhavam pari passu o progresso e a evolução das conquistas da medicina.

Ref.: **Anais da Faculdade Nacional de Odontologia, Rio de Janeiro, V 14, 1961, P 123-30**

Colaboração: ***Museóloga Katia Ribeiro Costa e Silva***